

<https://doi.org/10.26512/pl.v10i21.36889>

Artigo recebido em: 12/03/2021

Artigo aprovado em: 16/08/2021

Artigo publicado em: 12/01/2022

ALFRED E. TAYLOR, JOHN BURNET E O PROBLEMA SOCRÁTICO

a resposta da “Escola Escocesa”

ALFRED E. TAYLOR, JOHN BURNET AND THE SOCRATIC PROBLEM

the “Scottish School” response

Arthur Lopes Campos Cordeiro¹

(arthurlopescc@gmail.com)

Resumo: O presente artigo visa abordar a resposta de John Burnet e Alfred Edward Taylor ao “Problema Socrático” – isto é, às questões relativas ao pensamento e a vida do Sócrates histórico. Ambos são os principais representantes da denominada “Escola Escocesa”, bastante influente no início do século passado e que deixou marcas no estudo dessa importante questão da Filosofia Antiga. Para expor sua visão, será analisado o modo como os autores tratam as quatro principais fontes acerca da pessoa de Sócrates: Xenofonte, Aristóteles, Aristófanes e Platão. Feita essa análise, será possível compreender como Taylor e Burnet reconstróem a vida e o pensamento de Sócrates – com destaque para a Teoria das Ideias e a Doutrina Socrática da Alma. Por fim, o artigo tratará das razões pelas quais a posição da Escola Escocesa não é mais adotada por nenhum historiador da filosofia na contemporaneidade.

Palavras-chave: Problema Socrático. Sócrates Histórico. John Burnet. Alfred Edward Taylor. Sócrates de Platão.

Abstract: This article aims to address the response of John Burnet and Alfred Edward Taylor to the “Socratic Problem” – that is, to questions relating to the thought and life of the historical Socrates. Both are the main representatives of the so-called “Scottish School”, which was very influential at the beginning of the last century and which left its mark on the study of this important issue of Ancient Philosophy. In order to present its vision, it will be analyzed the way in which the authors treat the four main sources about the person of Socrates: Xenophon, Aristotle, Aristophanes and Plato. After this analysis, it will be possible to understand how Taylor and Burnet reconstruct Socrates' life and thought – with an emphasis on the Theory of Ideas and the Socratic Doctrine of the Soul. Finally, the article will address the reasons why the Scottish School's position is no longer adopted by any historian of philosophy in contemporary times.

Keywords: Socratic Problem. Historical Socrates. John Burnet. Alfred Edward Taylor. Plato's Socrates.

¹ Graduando em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1453549140026648>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6438-0829>.



INTRODUÇÃO

O Problema Socrático é o nome dado ao “problema histórico e metodológico que os historiadores confrontam quando eles tentam reconstruir as doutrinas filosóficas do Sócrates histórico” (DORION, p. 2011, p. 1)². Este problema emerge de dois fatos (cf. DORION, p. 2011, p. 1). O primeiro destes é que Sócrates nada escreveu. O segundo é que nós só conhecemos sua vida e ideias por testemunhos diretos e indiretos, que discordam entre si e, em certos casos, se opõem frontalmente (cf. REALE, 2013, p. 82).

Uma das principais fontes que nos informam acerca da pessoa de Sócrates é Platão, seu mais notório discípulo. Na maioria dos diálogos platônicos, Sócrates é a personagem principal. Ao lermos tais obras, este homem “nos parecerá um metafísico de primeiríssima categoria” (COPLESTON, 1994, p. 112). Ora, nos diálogos platônicos, é Sócrates quem defende a Teoria das Ideias, quem nos expõe a alegoria da caverna (*Rep.* VII, 514a-520a) e quem deixa claro que não há conhecimento (ou conhecimento verdadeiro) das coisas sensíveis (cf. *Phlb* 59a-b), ou seja, que o objeto da ciência não pode ser sensível, particular (cf. CORNELLI; COELHO, 2007, p. 432). É também Sócrates que narra a descoberta do mundo suprassensível no *Fédon* (96a-102a), em uma passagem que Giovanni Reale denominará de “Carta Magna da Metafísica Ocidental” (cf. REALE, 2004, p. 101).

Outra fonte relevante é Xenofonte, igualmente um discípulo de Sócrates. Este autor escreveu obras nas quais Sócrates é a personagem principal – com destaque para os *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates* (*Memorabilia*). Entretanto, ao lermos seu retrato de Sócrates, nós não encontramos um grande metafísico: não há nenhuma referência às Ideias ou ao mundo suprassensível que elas constituem. Na verdade, vemos uma “marcante aversão por especulações pouco práticas” (TAYLOR, 1951, p. 15). O Sócrates de Xenofonte é um defensor da moral de seu tempo, um moralista popular que não se interessa por questões lógicas ou metafísicas (cf. COPLESTON, 1994, p. 112).

Essas são as duas principais fontes acerca da pessoa de Sócrates e, como podemos ver, elas nos apresentam personagens extremamente diferentes. Ao lermos tais relatos, ficamos, nas palavras de Jaeger, “com a sensação de que Xenofonte peca por falta, enquanto, em contrapartida, Platão peca por excesso.” (JAEGER, 2013, p. 501). E foi justamente essa a impressão que levou Friedrich D. E. Schleiermacher (1768-1834), “o primeiro a formular

² Todas as traduções são nossas, salvo indicação em contrário.



engenhosamente a complexidade desse problema histórico” (JAEGER, 2013, p. 504), a colocar a questão da seguinte forma:

O que pode Sócrates ter sido, além e acima do que Xenofonte descreveu, sem, entretanto, contradizer os traços de caráter e as máximas práticas que Xenofonte definitivamente coloca como socráticos; e o que ele deve ter sido para dar a Platão o direito, e um incentivo de exibi-lo como o faz em seus diálogos? (SCHLEIERMACHER, 1852, p. cxlii).

No início do século passado, Jaeger, no seu clássico *Paideia*, afirma existirem duas principais tentativas que se fizeram para resolver este problema (cf. JAEGER, 2013, p. 508). Uma dessas tentativas era a da “Escola Escocesa”, denominação adotada pelo fato de seus dois maiores representantes, o filólogo J. Burnet e o filósofo A. E. Taylor³, terem lecionado em universidades da Escócia. Para entendermos a resposta que ambos dão ao Problema Socrático, faz-se necessário compreender como eles encaram cada uma das principais fontes acerca da pessoa de Sócrates: não apenas Platão e Xenofonte, mas também Aristóteles e o poeta cômico Aristófanes.

1 O VALOR DO TESTEMUNHO DE XENOFONTE PARA A ESCOLA ESCOCESA

Para Taylor e Burnet, Xenofonte não é uma fonte confiável para conhecermos o Sócrates histórico. Primeiro, destaca-se os problemas de veracidade em seus escritos. Ora, Burnet afirma que Xenofonte devia ser uma criança na época em que aconteceu o banquete que narra em sua obra homônima (cf. BURNET, 1911, p. xxii). Porém, ele afirma estar presente neste banquete⁴.

³ Cf. JAEGER, 2013, p. 508 e LIMA VAZ, 2011, p. 104. A conjugação de ambos em uma mesma Escola é confirmada não só por outros autores, mas pelos próprios professores. Por exemplo, em seu curto (40 páginas) *Plato's Biography of Socrates*, Taylor menciona 12 vezes o nome de Burnet. Em 10 dessas menções, ele cita uma opinião de Burnet – com a qual ele concorda. Em outra vez, ele usa uma terminologia cunhada por Burnet – irrelevante para a presente análise. Na última vez que menciona Burnet, Taylor afirma que a posição de ambos, no que diz respeito ao Problema Socrático, é a mesma: “Por outro lado, se podemos confiar nos relatos de Platão, temos, eu defendo, *não apenas, como o Professor Burnet, eu mesmo e outros sustentamos*, uma exposição coerente de uma teoria filosófica de alta originalidade, obviamente destinada a atender apenas aos problemas que estavam confundindo as mentes atenienses em meados do século V, época da juventude de Sócrates, mas também uma narrativa bastante completa e particular da vida e dos traços pessoais do homem que idealizou essa filosofia”. (TAYLOR, 1917, p. 40, grifo nosso). Agradeço a um revisor anônimo da Revista *Pólemos* por pontuar o uso de Burnet por parte de Taylor nesta obra.

⁴ “Pois, a mim, não me parece que sejam menos dignas de lembrança as ações sérias dos homens de bem do que os seus momentos de irreflexão. *E porque eu próprio os presenciei*, quero agora transmitir o que sei” (*Smp.* 1.1, grifo nosso). Adotamos aqui a tradução de Ana Elias Pinheiro do *Symposium* (XENOFONTE, 2008, p. 31).



Desse modo, devemos concluir que “quando ele afirma ter sido uma testemunha ocular, suas afirmações não são dignas de confiança” (BURNET, 1911, p. xxii).

Além disso, Burnet defende que não há nada que sugira que Xenofonte tenha sido um seguidor de Sócrates, como o foi Platão⁵, e, portanto, não devemos imaginar que ele poderia ter alguma informação especial acerca do mestre (cf. BURNET, 1911, pp. xviii-xix; BURNET, 1928, p. 20)⁶. Também não devemos esquecer que Xenofonte saiu de Atenas dois ou três anos antes da morte de Sócrates.

Há, ainda, uma crítica ao caráter apologético do *Memorabilia*. O *Memorabilia*, por ser sua obra socrática de maior extensão⁷, é a mais importante para a reconstrução da pessoa de Sócrates. O objetivo de Xenofonte, nessa obra, é provar que as acusações contra a pessoa de Sócrates (impiedade religiosa e corrupção da juventude) eram infundadas. Todavia, Taylor e Burnet afirmam, ecoando uma observação feita, antes, por Kierkegaard⁸, que sua “defesa falha precisamente porque é bem-sucedida demais: se Sócrates fosse o que Xenofonte quer que nós acreditemos, ele nunca teria sido processado” (TAYLOR, 1951, p. 23; cf. BURNET, 1920, p. 149).

Também não podemos nos esquecer de que a postura crítica de Schleiermacher em relação a Xenofonte influenciou as ponderações de Taylor e Burnet. Ele frisava que Xenofonte era um estadista e não um filósofo. Portanto, é provável que Sócrates possuísse certas facetas filosóficas que Xenofonte não fosse capaz de replicar em seus textos. Assim, “Sócrates não só pode, mas deve ter sido mais, e deve ter existido mais coisas em seus discursos, do que Xenofonte representa” (SCHLEIERMACHER, 1852, p. cxxxix)⁹.

Por fim, o próprio caráter do *Memorabilia* nos permite supor que há mais no ensinamento socrático do que Xenofonte relata. Afinal, o objetivo da obra é apologético:

⁵ Taylor segue o mesmo padrão argumentativo. Cf. TAYLOR, 1951, p. 16

⁶ Que Xenofonte pertenceu a esse grupo [de jovens que se interessavam por Sócrates], nós podemos facilmente admitir, sem termos que supor que ele tenha sido um membro do círculo Socrático mais íntimo [como foi Platão]” (BURNET, 1911, p. xviii).

⁷ Além disso, Taylor e Burnet veem problemas nas outras obras. Considerando que Xenofonte não presenciou a morte de Sócrates, sua *Apologia* não é um testemunho direto. Seu *Banquete*, por sua vez, narra um acontecimento ocorrido quando Xenofonte era criança, mas este afirma estar presente nele. Por fim, seu *Ecônomico* não é muito analisado pelos autores – talvez, pelo fato de Xenofonte narrar mais uma conversa em que ele supostamente está presente.

⁸ Cf. VLASTOS, 1988, p. 92. Essa observação, na verdade, está presente em quase todos autores que analisam a vida de Sócrates. Vlastos, ao citar a observação de Kierkegaard, afirma que devemos concordar com ela. Giovanni Reale também faz a mesma observação: “seria certamente impossível que os atenienses tivessem motivos para mandar à morte um homem tal como Xenofonte pretende que tenha sido Sócrates” (REALE, 2013, p. 84)

⁹ Burnet elogia esse argumento de Schleiermacher, bem como sua postura, em geral, frente ao Problema Socrático (BURNET, 1911, p. xxxviii).



defender Sócrates de específicas acusações¹⁰. Assim, para cumprir este objetivo, Xenofonte pode ter, convenientemente, escondido certas facetas dos ensinamentos socráticos (cf. BURNET, 1911, p. xxxvii). Perceber isso, porém, nos leva a compreender qual o papel dos relatos de Xenofonte para a reconstrução do Sócrates histórico. Sobre isso, Taylor afirma:

na leitura de sua narrativa, nós nunca devemos esquecer o princípio, que se aplica a toda polêmica desse tipo, de que *as afirmações mais valiosas do apologista são aquelas admissões incidentais que são incompatíveis com a posição que ele está defendendo.* (TAYLOR, 1951, p. 23)

2 OS PROBLEMAS DAS ASSERÇÕES DE ARISTÓTELES

Aristóteles nos fornece o principal testemunho indireto para a reconstrução do Sócrates histórico. No primeiro livro de sua *Metafísica*, Aristóteles afirma que Sócrates “ocupava-se de questões éticas”, que ele buscava o universal no âmbito ético e que ele foi o “primeiro a fixar a atenção nas definições” (987b1-4)¹¹. Na mesma obra, ele ainda afirma que “com efeito, duas são as descobertas que se podem atribuir com razão a Sócrates: os raciocínios indutivos e a definição universal: estas descobertas constituem a base da ciência” (1078b28-30)¹².

292

Segundo Jaeger, Burnet e Taylor defendem “a eliminação de Aristóteles como testemunho histórico” (JAEGER, 2013, p. 508). Nesse ponto, eles seguem Eduard G. Zeller, que defendia que não há nada que Aristóteles nos tenha transmitido que não possa ser encontrado nos textos de Platão ou Xenofonte (ZELLER, 1890, p. 103)¹³. Eles vão, ainda, mais além, já que, como não há nenhum sinal de que leu o *Memorabilia* (cf. BURNET, 1911, p. xxiv), o mais provável é considerar que todas suas informações vêm de Platão. Isso é confirmado ao analisarmos que “toda afirmação de importância feita sobre Sócrates no *corpus* aristotélico pode ser rastreada a uma fonte existente nos diálogos platônicos” (TAYLOR, 1911, pp. 40-41).

Taylor chega a essa conclusão após a análise das referências que Aristóteles faz a Sócrates em seus escritos. Ele aponta, por exemplo, que Aristóteles, nos *Elencos Sofísticos*

¹⁰ Vale ressaltar que podemos generalizar esse comentário. Conforme afirma Ana Elias Pinheiro: “[os diálogos socráticos de Xenofonte] pretendiam defender e preservar o pensamento filosófico do mestre ateniense” (XENOFONTE, 2008, p. 37).

¹¹ Adotamos, aqui, a tradução de Giovanni Reale: ARISTÓTELES, 2002, p. 35.

¹² *Ibidem*, p. 607.

¹³ Eduard G. Zeller também afirmava que não há evidência de que Aristóteles tivesse outras fontes que lhe pudessem fornecer informações sobre a pessoa de Sócrates, além dos escritos de Xenofonte e Platão (cf. ZELLER, 1877, p. 101).



(183b7), afirma que Sócrates costumava fazer perguntas, mas não as responder e que isso é uma clara alusão à reclamação de Trasímaco na *República* (337e)¹⁴ (TAYLOR, 1911, p. 63). Aristóteles, também, afirma que Sócrates negava a existência de *akrasia* (EN 1145b) – algo que é facilmente percebido na leitura do *Protágoras* (345e; 353a; 357e) (TAYLOR, 1911, p. 65).

E o que podemos dizer da apreciação da filosofia socrática feita por Aristóteles? Primeiro, como Taylor afirma que o conhecimento que ele tem da filosofia de Sócrates decorre dos diálogos platônicos (cf. TAYLOR, 1911, p. 41), não há nada de novo que ele possa nos comunicar. Além disso, Burnet acrescenta que Aristóteles “não é, de maneira alguma, um bom intérprete de visões filosóficas pelas quais ele não tem simpatia” (BURNET, 1911, p. xxv)¹⁵.

Então, para que serve o testemunho de Aristóteles? No máximo, afirma a Escola Escocesa, serve para provar que o Sócrates de Platão é o Sócrates real, já que “Aristóteles está sempre pronto para criticar Platão, e se ele estivesse na posição de contrastar o Sócrates real com o de Platão, nós podemos estar certos de que ele teria feito isso em algum lugar com uma linguagem inconfundível” (BURNET, 1911, p. xxv).

3 ARISTÓFANES E O JOVEM SÓCRATES

A obra cômica *As Nuvens*, do poeta Aristófanes, é o documento mais antigo que retrata a figura de Sócrates. Nessa peça, Sócrates é uma das personagens principais. Sem embargo, o retrato pintado na comédia é bastante distinto do retrato exposto por Platão (e, claro, por Xenofonte).

Sócrates, em *As Nuvens*, é um filósofo naturalista¹⁶, que busca fazer certas descobertas acerca dos fenômenos celestes (cf. *Nu.* 225; 228)¹⁷ e “cuja pseudociência o leva a negar a existência das divindades da crença comum e que celebra ritos privados a novos deuses que

¹⁴ “Ele mesmo não dá nenhuma resposta, quando alguém fornece uma, ele inicia a argumentação e a refuta” (PLATO, 1997, p. 982). A tradução aqui adotada é de Grube, a qual foi revisada por Reeve.

¹⁵ Este criticismo de Aristóteles, enquanto historiador da filosofia, é bastante comum. Sobre isso, veja o livro *Aristotle's Criticism of Presocratic Philosophy*, de Harold Cherniss, em cujo prefácio se lê “a conclusão é que Aristóteles não está, em nenhuma das obras que temos, tentando fornecer um relato histórico da filosofia anterior a ele. Ele está usando essas teorias como interlocutores em debates artificiais que ele cria para guiar ‘inevitavelmente’ às suas próprias teorias” (CHERNISS, 1935, p. xii).

¹⁶ Este fato, que é facilmente perceptível pela leitura da peça, é apontado por muitos autores (cf., por exemplo, REALE, 2013, p. 83; VLASTOS, 1988, p. 89). Filósofo naturalista, aqui, é um filósofo que se dedica ao estudo da *physis*. Segundo Reale, a filosofia naturalista foca seus interesses em problemas cosmo-ontológicos e tem como seus principais representantes os jônicos (incluindo, Heráclito), pitagóricos, eleatas e pluralistas (cf. REALE, 2012, p. 35).

¹⁷ Adotamos a tradução de Sommerstein. ARISTOPHANES, 1982, p. 33.



substituem os antigos” (VLASTOS, 1988, p. 88)¹⁸. Além disso, ele é, claramente, um sofista – e, até mesmo, o pior dos sofistas (cf. REALE, 2013, p. 83). Na peça, o personagem principal busca Sócrates para aprender oratória (*Nu.* 239), já que “essas pessoas o ensinam, se você as pagar, a como se conduzir em uma discussão, independentemente de sua causa ser justa ou injusta” (*Nu.* 98-99).

Por conta desta caracterização de Sócrates, durante muito tempo considerou-se essa comédia obra de pura fantasia – desprovida de qualquer valor histórico (cf. REALE, 2013, p. 83). A postura da Escola Escocesa em relação a Aristófanis é, todavia, totalmente distinta. Ao analisar a comédia, concluíram que ela é extremamente valiosa para conhecermos o início da vida de Sócrates.

Para começar a entender como a peça de Aristófanis pode ser útil, é preciso entender o contexto histórico. Sócrates cresceu em uma Atenas que florescia. Todavia, quando estava quase com quarenta anos, iniciou-se a longa guerra que iria acabar com a grandeza de Atenas (cf. TAYLOR, 1951, pp. 38-39). É por isso que Taylor faz o seguinte comentário:

Nós não podemos nem começar a entender historicamente Sócrates até que deixemos claro que sua juventude e início da vida adulta transcorreram em uma sociedade separada daquela na qual Platão e Xenofonte cresceram pelo mesmo tipo de abismo que divide a Europa “pós-guerra” da Europa “pré-guerra.” (TAYLOR, 1951 p. 39)

294

A imagem de Sócrates que temos em mente é aquela que Platão pintou em seus diálogos (cf. TAYLOR, 1951, p. 39). No entanto, Platão conheceu Sócrates, quando este já era mais velho, e, portanto, foi este o homem que o inspirou. Desse modo, não devemos nos surpreender ao ver, em *As Nuvens*, um retrato de um Sócrates distinto do de Platão e de Xenofonte. Afinal, Aristófanis escreveu sua peça quando Platão e Xenofonte ainda eram crianças (cf. BURNET, 1920, p. 144).

As Nuvens, então, pode ser de grande valor para a reconstrução do Sócrates histórico – desde que interpretada corretamente (cf. BURNET, 1928, p. 22). Ora, como Platão era uma criança, a peça não pode ter sido influenciada por ele. Desse modo, segundo Taylor e Burnet, diferentemente de Aristóteles (cujas informações acerca de Sócrates provém de Platão) e até mesmo de Xenofonte¹⁹, Aristófanis apresenta um testemunho completamente independente.

¹⁸ Cf., por exemplo, *As Nuvens*, vv. 240-255.

¹⁹ O Professor Burnet afirma: “Parece difícil duvidar que Xenofonte tirou grande parte de suas informações sobre Sócrates dos diálogos de Platão” (BURNET, 1920, p. 149).



Para a correta interpretação da peça, é preciso ter em mente que estamos diante de uma comédia. Assim, não devemos tomá-la literalmente. Entretanto, “há certas coisas na peça que devem ter alguma base histórica, a não ser que adotemos a visão de que Aristófanes nada sabia sobre o homem que ele tinha colocado como protagonista de sua comédia” (BURNET, 1928, p. 22). Sendo assim, podemos esperar aprender algo sobre Sócrates no testemunho de Aristófanes. E é por isso que, segundo Taylor:

A figura de Sócrates em *As Nuvens* é uma cuidadosa e elaborada peça de arte, uma distorção para o grotesco de uma figura cujo poeta e a audiência, sobre a qual dependia o sucesso ou a falha de sua comédia, estavam bastante familiarizados, e *nós podemos esperar recuperar, por um estudo cuidadoso da caricatura, muitas características do seu original* (TAYLOR, 1911, pp. 141-142, grifo nosso).

Uma caricatura cômica só pode funcionar se for um exagero de um personagem conhecido. Portanto, Burnet coloca, de modo exemplar, qual o caminho que devemos seguir no “estudo cuidadoso da caricatura” ao afirmar que “o que precisamos perguntar, então, é o que Sócrates deve ter sido no período inicial de sua vida para fazer com que a caricatura de *As Nuvens* fosse possível” (BURNET, 1920, p. 145).

295

Ora, fica evidente que Sócrates precisa ter sido um filósofo naturalista – um estudante da *physis* (BURNET, 1928, p. 23). E isso é corroborado por Teofrasto, sucessor de Aristóteles, que afirma que Sócrates foi um membro da escola de Arquelau (TAYLOR, 1951, p. 69), um filósofo naturalista eclético (REALE, 2012, p. 169), bem como por Platão, que, no *Fédon*, faz Sócrates afirmar que “quando eu era jovem, eu ficava maravilhosamente entusiasmado com aquela sabedoria que eles chamam de ciência natural” (*Phd.* 96a-b)²⁰ e que os principais objetos de estudo na sua juventude eram as coisas nos céus e debaixo na terra²¹ – os objetos de estudo dos físicos (cf. BURNET, 1920, p. 145).

Conforme Teofrasto, Sócrates esteve ligado a Arquelau de Atenas, filósofo da natureza que adotava posições próximas a de Diógenes de Apolônia, ao considerar o ar como *arché* (cf. REALE, 2012, pp. 169-170). Desse modo, não devemos surpreender com o fato de Aristófanes representar Sócrates como aderente de um sistema que dá primazia ao ar. Burnet, na verdade,

²⁰ Adotamos a tradução de Grube, na obra editada por Cooper (PLATO, 1997, p. 83). Em outra tradução (de Carlos Alberto Nunes): “Quando eu era moço sentia-me tomado do desejo irresistível de adquirir esse conhecimento a que dão o nome de História Natural” (PLATÃO, 1980, p. 339).

²¹ “Então, novamente, enquanto eu investigava como essas coisas morrem e o que acontece com as coisas no céu e na terra, finalmente me convenci de que não tenho nenhuma aptidão natural para esse tipo de investigação” (*Phd.* 96b-c). Seguimos, mais uma vez, a tradução de Grube. Como se vê, houve um momento em que ele investigava “o que acontece com as coisas no céu e na terra”.



afirma que, na peça, o sistema de Sócrates “é reconhecível como o de Diógenes de Apolônia” (BURNET, 1920, p. 145)²².

Novamente, Platão corrobora com o testemunho de Aristófanes. No *Fédon*, Sócrates afirma que estudou questões variadas – inclusive se “nós pensamos com nosso sangue, ou ar, ou fogo ou nenhum destes” (96b). Ora, a doutrina segundo a qual aquilo por meio do qual pensamos é o ar é a doutrina de Diógenes de Apolônia (BURNET, 1920, p. 145). Além disso, afirma Taylor que Sócrates usa, no *Fédon*, “precisamente aquelas concepções e termos técnicos [que] são colocados na boca do protagonista de *As Nuvens*” (TAYLOR, 1911, p. 160).

Contudo, para que a caricatura de Aristófanes faça sentido, é preciso que Sócrates tenha sido mais que apenas um estudante desse tipo de filosofia. Na verdade, ele precisa ter sido o líder de um grupo de estudantes cosmológicos com visões que nós denominaríamos orientais, isto é, visões influenciadas pela filosofia jônica, como as de Diógenes e Arquelaus (TAYLOR, 1951, p. 74), já que, em *As Nuvens*, Sócrates é representado como chefe de uma escola: o “*Pensatório*”.

A partir disso, Taylor afirma que é possível “conjeturar que, quando Arquelaus se aposentou, [...] Sócrates foi, para todos os efeitos, seu sucessor” (TAYLOR, 1951, p. 72). Burnet concorda, afirmando que “se este [Arquelaus] fundou uma escola regular, Sócrates iria naturalmente sucedê-lo como líder. Isso, de fato, parece, para mim, a versão mais provável” (BURNET, 1920, p. 147).

Taylor afirma que há evidências de que Sócrates foi, quando jovem, cabeça de uma escola. Como vimos, isso é uma pressuposição da caricatura de *As Nuvens* (cf. TAYLOR, 1951, p. 73). Além disso, também podemos encontrar uma comprovação dessa tese no *Memorabilia* de Xenofonte. Nesta obra, é relatada discussão entre Sócrates e Antifonte (*Mem.* I.6). O relato inicia-se assim: “É-lhe devido, a este propósito, que não se esqueça uma conversa que teve com Antifonte, o sofista. Ora, Antifonte, *querendo afastar dele os discípulos*, procurou Sócrates e, *na frente dos outros*, disse-lhe o seguinte (...)” (*Mem.* I.6.1; grifo nosso)²³. Nessa discussão, fica claro que Antifonte considera Sócrates um “mestre profissional”, alguém que tem discípulos.

Se Sócrates foi um estudante da filosofia da natureza e possuía um círculo de estudantes ao seu redor, é fácil compreender como que Antifonte pôde confundir essa relação entre

²² No relato de *As Nuvens*, Aristófanes coloca na boca de Sócrates doutrinas de Diógenes, Anaxágoras e Arquelaus. Cf. TAYLOR, 1911, p. 165.

²³ Adotamos a tradução de Ana Elias Pinheiro dos *Memorabilia* (XENOFONTE, 2009).



Sócrates e os estudantes com a relação de um sofista e seus discípulos²⁴. E isso, segundo Taylor, prova que o “[p]ensatório’ de *As Nuvens* é uma distorção, para efeitos cômicos, de algo real” (TAYLOR, 1951, p. 77).

Portanto, segundo a Escola Escocesa, Aristófanes, com apoio de alguns testemunhos de Platão e Xenofonte, nos dá preciosas informações sobre a vida de Sócrates. Desse modo, não devemos desprezar as informações de *As Nuvens*. É graças a essa peça que podemos saber que Sócrates foi, em algum momento, estudante das “ciências naturais”. Além disso, descobrimos que ele foi, antes de Platão o conhecer (ou nascer), líder de um círculo de estudantes associados a ele e que não se tratava de serem seus pupilos²⁵. Por sua vez, podemos cogitar que é possível que esse círculo de estudantes tenha sido composto por discípulos de Arquelaus de Atenas, mestre de Sócrates, após sua morte. Por fim, não se pode olvidar que certas informações secundárias sobre Sócrates podem ser extraídas da peça²⁶.

4 O SÓCRATES DE PLATÃO

297

Antes mesmo de analisarmos o valor do testemunho de Platão, precisamos fazer uma importante ponderação. Se rejeitarmos, como o faz a Escola Escocesa, o testemunho de Aristóteles e de Xenofonte e tendo em mente que Aristófanes não retrata Sócrates em sua velhice, não podemos fugir à conclusão de Burnet (*cf.* BURNET, 1920, p. 150): temos que escolher entre o Sócrates de Platão ou, então, nos contentarmos em nada conhecer sobre este homem.

Contudo, a Escola Escocesa não defende apenas que o Sócrates de Platão é o único Sócrates que podemos conhecer, como se este fosse apenas um personagem do outro filósofo. Pelo contrário, Burnet e Taylor são defensores da “estrita historicidade do Sócrates de Platão” (DE VOGEL, 1955, p. 28), ou seja, defendem que o Sócrates histórico equivaleria ao Sócrates de Platão (*cf.* DORION, 2011, p. 5).

Evidentemente, faz-se necessário algumas ponderações. Primeiramente, os autores não defendiam que os diálogos de Platão são registros de conversas reais. Além disso, eles admitiam

²⁴ Essa linha argumentativa é seguida por Taylor (1951, pp. 76-77).

²⁵ Na *Apologia de Sócrates* de Platão (33a), Sócrates é enfático em afirmar que ele nunca foi um educador pago ou que teve pupilos. Tal negação fica mais clara se considerarmos que, no primeiro momento de sua vida, ele foi uma espécie de chefe de uma escola.

²⁶ Dentre estas destaca-se o fato de Sócrates, em *As Nuvens*, ter conhecimento matemático e ser retratado “desenhando figuras com um compasso nas cinzas, exatamente como faz em Platão para a instrução de Mênon e seu servo” (TAYLOR, 1911, p. 154).



que a imagem do Sócrates de Platão pode ter sido alterada – tendo em vista a circunstância em que Sócrates morreu (BURNET, 1920, p. 149)²⁷. Por fim, Burnet ressalta que não podemos esperar de Platão uma narrativa objetiva, já que “a antiga ideia de verdade histórica era muito diferente da nossa” (BURNET, 1911, p. xxx).

Mesmo diante dessas ponderações, Burnet e Taylor acreditam que podemos conhecer não só a vida, mas também o pensamento de Sócrates por meio dos diálogos platônicos. Entretanto, isso não deve surpreender o leitor, já que autores como Gregory Vlastos e Giovanni Reale defendem essa mesma tese²⁸. O que diferencia, então, a “Escola Escocesa” desses outros autores é o fato de que Taylor e Burnet não acreditam que Platão, conscientemente, coloque na boca de Sócrates suas próprias ideias.

Na academia anglo-saxã contemporânea, a visão denominada “desenvolvimentismo”²⁹ é a “ortodoxia” dos estudos platônicos (cf. NAILS, 1993, p. 273). Os defensores dessa visão afirmam que há um desenvolvimento substancial no pensamento platônico de modo que é possível dividir o *corpus* platônico em três grupos distintos. Assim, o Sócrates dos primeiros diálogos de Platão não pode ser considerado o mesmo Sócrates presente nos diálogos intermediários³⁰.

Alguns desenvolvimentistas, sendo Vlastos o principal expoente desse grupo, explicam esta mudança no pensamento platônico por meio do que Brickhouse e Smith denominam “Tese da Identidade Histórica Geral” (BRICKHOUSE; SMITH, 2010, p. 14). Os defensores desta tese (historicistas) afirmam que, nos primeiros diálogos de Platão, o filósofo é mais fiel ao pensamento socrático. Nos diálogos de maturidade, porém, ele começa a colocar na boca de Sócrates suas próprias ideias³¹. Por fim, em seus últimos diálogos, Platão se afasta tanto do

²⁷ Vale, porém, ressaltar que Burnet, logo após fazer esse comentário, afirma que “não acredita que isso tenha seriamente falsificado a representação” (BURNET, 1920, p. 149).

²⁸ Vlastos analisa elementos do pensamento socrático em sua obra *Socrates: ironist and moral philosopher* (1991), como sua piedade (cap. V), sua rejeição da retaliação (cap. VI) e certos tópicos de sua teoria moral (cap. VII), tendo Platão como uma importante fonte. Reale, por sua vez, realiza uma exposição do pensamento de Sócrates em sua *História da Filosofia Antiga* tendo, também, Platão como fonte importante. Destaca-se, porém, que nenhum dos dois rejeita a autoridade de Aristóteles ou Xenofonte (Vlastos, inclusive, no capítulo 3 da obra supracitada, analisa “A evidência de Aristóteles e Xenofonte”).

²⁹ Em inglês: *developmentalism*.

³⁰ Esse é um dos componentes do “Princípio da Identidade”, tese basilar do desenvolvimentismo, segundo Brickhouse e Smith. Cf. BRICKHOUSE; SMITH, 2010, p. 13.

³¹ É por isso que Vlastos afirma que “nos diferentes seguimentos do *corpus* platônico, dois filósofos ostentam o mesmo nome [Sócrates]. O indivíduo permanece o mesmo. Mas nos diferentes grupos de diálogos, ele persegue filosofias tão diferentes que elas não poderiam ter sido descritas como coabitando o mesmo cérebro, a menos que tivesse sido o cérebro de um esquizofrênico”. (VLASTOS, 1991, p. 46).



pensamento socrático que Sócrates para de ser o protagonista (nas *Leis*, ele nem mesmo aparece).

Taylor, apesar de discordar das duas primeiras posições, concorda com a terceira e, assim, levanta um questionamento: “por que Sócrates perde a importância nesses diálogos posteriores?” Para ele, só há uma resposta:

Eu não vejo razão alguma para essa notável mudança de método a não ser a dada por Burnet que o senso histórico de Platão o proibiu de fazer Sócrates o expositor de doutrinas e interesses científicos e filosóficos que Platão bem sabia ser seus e de seus contemporâneos. Aqui, nós temos, como penso, uma prova positiva que Platão não usou a figura de Sócrates como uma “máscara” para ele mesmo ou como um ideal imaginário do que “o filósofo” deveria ser (TAYLOR, 1951, pp. 27-28).

Há, além dessa razão, outras. Por exemplo, se Sócrates foi o que Platão diz que ele foi, os testemunhos de Aristófanes e Xenofonte fazem mais sentido. Primeiro, se ele foi, no início de sua vida, o que Platão o representa tendo sido³², “a caricatura de *As Nuvens* é bem inteligível; se ele não foi, é certamente sem sentido” (BURNET, 1920, p. 146). Além disso, “é quase impossível considerar o Sócrates de Aristófanes e o Sócrates de Xenofonte como a mesma pessoa, [mas] não há dificuldade em considerá-los, ambos, como imagens distorcidas do Sócrates que conhecemos por Platão” (BURNET, 1920, p. 149).

Entretanto, uma razão digna de exposição é a que Taylor apresenta em seu “*The Platonic Biography of Socrates*”. Ele levanta um questionamento:

A pintura platônica de Sócrates, se a estudarmos como um todo, deixa a impressão de ser a delineação de um “tipo”, ou o resultado de uma superposição de vários retratos de diferentes homens um sobre o outro, ou tem o caráter que deveríamos esperar em uma realista reprodução dramática de uma personalidade individual muito complexa? Estamos lidando com uma pintura genérica, no estilo de Menandro e da comédia antiga, ou, como Aristóteles parece ter tomado como certo, um retrato bastante realista de um indivíduo? (TAYLOR, 1917, p. 4)

Após analisar a biografia platônica de Sócrates, Taylor chega à conclusão de que encontramos o Sócrates histórico no “completo e fiel retrato, representado com atenção cuidadosa aos fatos” (BURNET, 1917, p. 49), que Platão nos apresenta. A biografia e o caráter do Sócrates platônico, na verdade, nos impressionam como a reprodução de um original vivo e

³² Destaque para o que Sócrates diz no *Fédon* nas passagens supracitadas.



não como o retrato de um imaginário sábio ideal (cf. BURNET, 1917, p. 34). Na mesma linha, afirma Burnet:

Xenofonte nos dá muito pouco entusiasmo e Aristóфанes muito pouca ironia; é apenas no Sócrates platônico que os dois elementos estão combinados harmoniosamente no caráter com uma característica individualidade própria. O Sócrates platônico não é um mero tipo, mas um homem vivo. Essa é a nossa principal justificação para acreditar que ele é verdadeiramente “o Sócrates histórico” (BURNET, 1911, p. lvi)

5 O PENSAMENTO DE SÓCRATES E A TEORIA DAS IDEIAS

Desse modo, segundo a Escola Escocesa, devemos aceitar Platão como uma boa fonte de informações sobre Sócrates³³. A aceitação de tal posição, contudo, nos leva a outra tarefa, nas palavras de Burnet: “se devemos considerar Platão como nossa melhor autoridade [acerca da vida de Sócrates], teremos que revisar o valor que damos a Sócrates como filósofo” (BURNET, 1911, p. xxxvii).

Burnet e Taylor afirmam isso, porque a maioria dos autores modernos, com base na falsa aceção de que Platão não é uma boa autoridade acerca do pensamento de Sócrates³⁴ (ou, melhor, de que nem todos seus diálogos são boas fontes), atribuem a Teoria das Ideias a Platão (cf. BURNET, 1920, p. 154). Todavia, partindo do pressuposto de que Platão é uma autoridade confiável, precisamos considerar que a Teoria das Ideias fazia parte do pensamento de Sócrates. Na verdade, os professores afirmam ser muito mais coerente sustentar que a doutrina das Formas é socrática. Por isso, afirma Burnet:

O terreno principal para essa atribuição [a atribuição da Teoria das Ideias a Platão] é que ela [a Teoria das Ideias] não é encontrada nos diálogos mais distintivamente socráticos, e geralmente se diz que ela aparece, pela primeira vez, no *Fédon*. Isso, entretanto, é um argumento circular; pois a única razão pela qual certos diálogos foram considerados como especialmente socráticos é o fato de que a teoria em questão não aparece neles. Não há, certamente, razão alguma para pensar que Sócrates a teria incluído em todas suas conversas, e, na verdade, teria sido muito inapropriado para ele se referir a ela, exceto ao conversar com pessoas que provavelmente entenderiam (...) É muito mais importante observar que a teoria das formas, da maneira que é mantida no *Fédon* e na *República*, é totalmente ausente daqueles que nós podemos,

³³ Afinal, “nós não podemos seriamente atribuir a Platão uma mistificação deliberada e sem sentido do seu mestre” (TAYLOR, 1949, p. 24).

³⁴ Ou, no caso dos desenvolvimentistas historicistas, de que os diálogos intermediários não são boas fontes.



justamente, considerar como os diálogos mais distintamente platônicos, aqueles em que Sócrates não é mais o orador principal. Nesse sentido, ela não é nunca mencionada em qualquer diálogo após o *Parmênides* (no qual ela é, aparentemente, refutada), com uma única exceção do *Timeu* (51c), no qual o orador é um pitagórico. Por outro lado, nada pode ser mais explícito que a maneira que Platão atribui a doutrina a Sócrates. No *Fédon*, ela é considerada (100b) como “nada novo”, mas apenas o que Sócrates sempre fala. No *Parmênides* (130b), Sócrates é perguntado, pelo fundador do eleatismo, se tinha sido ele quem pensou na teoria, e ele responde de forma afirmativa. Isso deveria ter acontecido vinte anos antes de Platão ter nascido. De novo, no *Fédon* (76b), Símias é colocado a dizer [por Platão] que ele duvida se “nesse horário amanhã”, quando Sócrates tiver morrido, terá sobrado alguém que é capaz de dar uma consideração adequada das formas. Se isso é ficção, é, no mínimo, deliberada e eu só posso perguntar, como perguntei antes, se algum filósofo já propôs uma nova teoria sua, representando-a como perfeitamente familiar, para um número de [pensadores] contemporâneos notáveis, alguns anos antes dele ter pensado nela [por si mesmo] (BURNET, 1920, pp. 154-155).

Taylor, na mesma linha, escreve:

Concordo com Burnet que é inconcebível que qualquer pensador introduza uma descoberta eminentemente original de sua autoria ao mundo representando-a como algo que era, há muito, familiar a vários contemporâneos vivos, que, certamente, leriam suas obras e detectariam qualquer deturpação (TAYLOR, 1951, p. 171).

301

Vê-se, então, que a Teoria das Ideias é atribuída a Sócrates pela Escola Escocesa com base em dois principais motivos. O primeiro destes é a confiança no testemunho platônico e, portanto, no retrato de Sócrates que ele nos apresenta. Afinal, se Platão nos apresenta um retrato de Sócrates com cuidadosa atenção aos fatos (TAYLOR, 1917, p. 49) e se Platão nos apresenta Sócrates expondo a Teoria das Ideias na *República*, no *Fédon* e em outros diálogos, deve-se concluir que esta teoria era defendida pelo Sócrates histórico. O segundo motivo consiste na implausibilidade de Platão colocar na boca de Sócrates uma nova e original doutrina. Ora, por que considerar como verdadeira tal improvável (ou, nas palavras de Taylor, “inconcebível”) possibilidade, se é mais plausível considerar como socrática a Teoria das Ideias?

Se a Teoria das Ideias e todas outras teses filosóficas que atribuímos a Platão são, na verdade, socráticas, é evidente que devemos repensar o valor que damos a Sócrates como filósofo. Assim, não poderemos considerar Sócrates como simplesmente um filósofo moral, que foi professor de Platão, mas sim como aquele que, nas palavras de Taylor, “criou a tradição moral e intelectual na qual a Europa viveu desde então” (TAYLOR, 1951, p. 139).

Se é de Sócrates a Teoria das Ideias, é ele quem deu origem a todas querelas metafísicas de que a Filosofia Ocidental se ocupou até então – como, por exemplo,



a “querela dos universais”. Além disso, a concepção teológica da ordem do universo foi introduzida por Sócrates, nos diálogos platônicos, com base na Teoria das Ideias. Segundo Taylor e Burnet, então, também esta concepção, que Taylor considera a principal herança do pensamento filosófico grego, deve ser atribuída a Sócrates (TAYLOR, 1951, p. 172).

Já é conhecida a afirmação de Whitehead de que a história da Filosofia Ocidental não passa de uma sucessão de notas de rodapé às obras de Platão. Ora, se as obras de Platão em que Sócrates é a personagem principal (diálogos como a *República*, o *Fédon* e o *Banquete*) são meros registros do pensamento do Sócrates histórico, a história da Filosofia Ocidental não passa de uma série de notas de rodapé ao pensamento socrático.

6 A DOUTRINA SOCRÁTICA DA ALMA

Outra tese, defendida por Burnet e Taylor, considera que Sócrates teria sido o primeiro a dar ao termo *psyché* (alma) o “significado que ainda hoje damos ao termo” (REALE, 2013, p. XIII). Burnet, em seu “*The Socratic Doctrine of The Soul*”, realiza uma análise dos diversos sentidos dados à palavra *psyché* na Grécia Antiga.

Ao descrever os sentidos desse vocábulo, Burnet inicia o ensaio tratando de Homero, que sequer atribui sentimentos à alma (cf. BURNET, 1916, p. 14). A alma continuaria a existir após a morte, mas é apenas uma sombra ou imagem. No orfismo, o termo adotaria um outro sentido: a alma passa a ser considerada divina e imortal. Contudo, a alma não é identificada com o que, hoje, chamamos de “Eu”, ou seja, não tem o caráter que atualmente damos ao termo.

O termo alma também apareceria na filosofia jônica e em pensadores influenciados por ela. Diógenes de Apolônia, por exemplo, afirmaria que ela é porção de ar infinito em nosso corpo e que é causa de nossa vida, mas não manifestaria interesse algum pela alma individual. Após investigar a aproximação de outros pensadores, Burnet conclui que “nem a religião ou a filosofia do século V a.C conheciam algo sobre a alma. O que eles chamavam por esse nome era algo extrínseco e desassociado da personalidade normal, dependente totalmente do corpo” (BURNET, 1916, p. 19).

Sócrates, porém, teria realizado uma revolução por ter identificado a *psyché* com nossa “consciência” e por ter exortado seus conterrâneos a cuidarem de sua alma. Ora, tal exortação implica o uso do termo *psyché* “e uma visão da natureza da alma de uma maneira nunca antes ouvida antes do tempo de Sócrates” (BURNET, 1916, p. 26). Por isso,



Taylor, seguindo Burnet, afirma que foi Sócrates quem criou a concepção ocidental de alma – a sede de nossa inteligência e caráter moral (cf. TAYLOR, 1951, pp. 139-140).

Deve-se ressaltar que é possível defender a tese de que Sócrates revolucionou a forma ocidental de se ver a alma, sem que, para tanto, seja necessário defender ou acatar as outras posições da Escola Escocesa acerca do valor das fontes. E é o próprio Burnet o primeiro a afirmar isso: em seu ensaio, ele se limita a usar os primeiros escritos de Platão (com foco em sua *Apologia de Sócrates*) e, mesmo assim (sem considerar os diálogos de sua maturidade como fonte), chega à conclusão de que Sócrates introduziu um novo conceito acerca da alma. É por isso que autores como Jaeger e Reale, que rejeitam as outras teses da Escola (cf. JAEGER, 2013, p. 532; REALE, 2013, p. 94), concordam que Sócrates é o criador do conceito ocidental de alma (*ver esp.* JAEGER, 2013 pp. 529-532; REALE, 2002, p. 137-138)³⁵.

7 CRÍTICAS À INTERPRETAÇÃO DA ESCOLA ESCOCESA

A interpretação da Escola Escocesa não é mais sustentada por nenhum historiador da filosofia, por diferentes fatores. Por exemplo, a completa rejeição do testemunho aristotélico se mostra problemática. Em discussões da época, destacam-se as críticas de Sir David Ross³⁶ – que ainda hoje são defendidas³⁷. Ross, ao analisar a apreciação do testemunho aristotélico por parte de Taylor, ataca as bases da crítica da Escola Escocesa.

Ele considera que o caso de Taylor contra Aristóteles se baseia em três afirmações. A primeira a de que as informações que Aristóteles tinha da vida e do pensamento de Sócrates foram aprendidas de Platão ou por meio da leitura das obras de outros seguidores de Sócrates. Ross aceita essa premissa, mas acrescenta que é mais provável considerar que todo conhecimento que Aristóteles tinha de Sócrates foi derivado de Platão e outros membros da Academia (ROSS, 1924, pp. xxxiv-xxxv).

As outras duas afirmações, porém, são mais controversas. A segunda afirma que todas as informações relevantes que Aristóteles nos apresenta sobre Sócrates podem ser encontradas nos diálogos platônicos. A terceira, por sua vez, consiste na defesa de que Aristóteles

³⁵ Jaeger, inclusive, denomina o “*The Socratic Doctrine of the Soul*” de “belo ensaio” (JAEGER, 2013, p. 530).

³⁶ Ross, contudo, não foi o primeiro a criticar o tratamento dado ao testemunho aristotélico pela Escola Escocesa. G. C. Field, por exemplo, realiza semelhantes críticas em obra de 1913 (cf. FIELD, 1913, pp. 14-25).

³⁷ Por exemplo, em 1988, Vlastos afirmou que Ross apresentou a “refutação definitiva” da posição de Burnet (e Taylor). Cf. VLASTOS, 1988, p. 89.



simplesmente aceitou o que leu nos *Σωκρατικοὶ λόγοι*³⁸ de Platão e de outros autores como uma representação fiel de uma figura histórica (cf. ROSS, 1924, xxxv)

Essas considerações de Taylor ignoram o fato de que Aristóteles teve acesso a ensinamentos não escritos de Platão³⁹ e, ademais, que o estagirita teve a oportunidade de aprender sobre Sócrates com seu mestre e com outros membros da Academia⁴⁰. Além disso, Ross apresenta exemplos que vão de encontro à visão de que Aristóteles não se posicionava (?) criticamente diante dos relatos contidos nos diálogos de Platão, simplesmente aceitando esse retrato de Sócrates como fiel (cf. ROSS, 1922, pp. xxxv-xxxvii). Desse modo, por conta de críticas como a de Ross, a completa rejeição de Aristóteles é considerada hoje insustentável⁴¹. Se não devemos rechaçar a autoridade de Taylor e Burnet, também não devemos rechaçar a de Aristóteles.

³⁸ “Discursos Socráticos” ou “Conversas com Sócrates” (cf. KAHN, 1996, p. 1). Para uma análise deste gênero literário, cf. *ibidem*, pp. 1-35.

³⁹ Ross defende essa posição em seu *Plato's Theory of Ideas* em oposição a Cherniss, que, em seu *The Riddle of the Early Academy*, defende “que Aristóteles derivou todo seu conhecimento das visões de Platão dos diálogos que nós ainda possuímos, e que tudo que ele diz sobre Platão, que não pode ser verificado dos diálogos, é fruto de mal-entendidos ou deturpações do que Platão escreveu” (ROSS, 1951, p. 142). Assim, para Cherniss, “o Platão que refletiu com diferentes distorções na crítica de Aristóteles e nos heterodoxos sistemas de Espeusipo e Xenócrates não é um Platão hipotético de palestras ou seminários [que não foram escritos], mas o Platão dos diálogos ainda existente em sua totalidade” (CHERNISS, 1962 p. 59). Entretanto, Ross pontua que, na *Física*, Aristóteles menciona doutrinas não-escritas de Platão: “embora ele falasse do participativo de outra maneira nas chamadas doutrinas não-escritas, ele ainda declarou que lugar e espaço eram a mesma coisa” (209b11-17, grifo nosso) – seguimos a tradução de Reeve (ARISTOTLE, 2018, p. 57). Portanto, essa asserção a doutrinas não-escritas “refuta[m] a afirmação de que tudo que Aristóteles diz sobre Platão é derivado dos diálogos” (ROSS, 1951, p. 147). Essa crítica também se aplica à posição de Taylor e Burnet. Afinal, se Platão transmitiu doutrinas não-escritas, por que considerar que ele não transmitiu informações sobre Sócrates além do que foi transmitido nos diálogos? Vale ressaltar, a título de completude, que a discussão entre Ross e Cherniss, a respeito das doutrinas não-escritas, é um dos principais debates acerca da interpretação de Platão. De um lado, temos a posição de Cherniss, de inteira oposição às doutrinas não-escritas. Do outro, temos a visão de Ross, no sentido de reconhecer que Platão sustentou certas doutrinas não-escritas, que foram, no entanto, desenvolvidas no final de sua vida. Por fim, temos autores como Kramer (cf. *Arete bei Platon und Aristoteles* e *Plato and the Foundations of Metaphysics*), que, além de admitir que Platão sustentou certas doutrinas não-escritas, considera que essas foram desenvolvidas num período durante (ou até antes da) a escrita dos diálogos. No Brasil, a visão de Kramer (da denominada Escola de Tübingen ou Escola de Tübingen-Milão) é mais conhecida por conta do trabalho de Giovanni Reale (*Por Uma Nova Interpretação de Platão*). Sobre a recepção dessa visão no Brasil, cf. PERINE, 2014, pp. 233-244.

⁴⁰ Copleston, por exemplo, faz crítica semelhante (cf. COPLESTON, 1994, pp. 115-116). Nicholas Smith, ao analisar 38 trechos (que consistem em testemunhos de Aristóteles e textos de outros autores, como Diógenes Laércio, que atribuem certos fatos a Sócrates com base no testemunho aristotélico), chega à conclusão de que é quase certo que Aristóteles não teve apenas Platão como fonte sobre Sócrates (SMITH, 2018, p. 620). Segundo ele, há sete passagens, que não decorrem de fontes duvidosas, que não podem ter tido Platão (os diálogos platônicos) como fonte (SMITH, 2018, p. 618).

⁴¹ Segundo Vlastos, a obra *The Philosophy of Socrates*, de Norman Gulley, foi o primeiro livro sobre Sócrates em inglês, depois do *Socrates* de Taylor (VLASTOS, 1991, p. 5). É interessante, por conseguinte, perceber que Gulley considerava o testemunho aristotélico como um testemunho de grande valor, por ser livre de objetivos dramáticos e apologéticos que encontramos em Platão, Xenofonte e Aristófanes (cf. GULLEY, 1968, p. 1).



Até mesmo autores que recomendam cautela na análise do testemunho de Xenofonte, afastam-se do radicalismo da Escola Escocesa, que só aceitava, deste testemunho, o que Taylor denominava “admissões acidentais”⁴². Gregory Vlastos, por exemplo, escreve, em 1957, um artigo no qual ele defende a superioridade do testemunho platônico⁴³. Dentre várias razões para essa defesa, destaca-se o fato de “que Platão explica, enquanto Xenofonte não o faz, fatos afirmados por ambos e atestados por outros” (VLASTOS, 1995, p. 5) – isto é, se Sócrates foi o que Platão relata, certos fatos presentes em Platão, Xenofonte e outros autores fazem sentido; mas, se ele foi o que Xenofonte relata, não o faz⁴⁴. Em 1991, em sua *magnum opus*, Vlastos deixa mais uma vez claro a superioridade do testemunho platônico. Contudo, diferentemente de Taylor e Burnet, ele considera o testemunho de Xenofonte fundamental para conhecermos o Sócrates histórico, desde que tomemos certas precauções. Afinal, como temos poucos testemunhos acerca da pessoa de Sócrates, não podemos nos dar ao luxo de rejeitar um depoimento direto, como é o de Xenofonte (cf. VLASTOS, 1991, p. 99).

Entretanto, há autores que buscam a reabilitação do testemunho de Xenofonte. Destaca-se, nesse grupo, Donald Morrison, que afirma que Xenofonte é a mais rica fonte de evidências do movimento socrático e que seus escritos são um tesouro precioso (cf. MORRISON, 1987, pp.19-20). Morrison, também, aponta que há pontos em que o Sócrates de Xenofonte e o Sócrates de Platão muito se assemelha. Assim, por exemplo, argumenta que a postura do Sócrates de Xenofonte frente o justo e o legal é a mesma que encontramos em Platão (no *Críton*), ainda que sem a genialidade filosófica que caracteriza esse último (MORISSON, 1995, pp. 329-347). Além disso, não se pode esquecer do importante trabalho de Louis-André Dorion que, dentre inúmeras contribuições, oferece contundente oposição à ideia, vinda de Schleiermacher, de que Xenofonte (e o Sócrates que este apresenta) não seria filósofo (cf. DORION, 2006, pp. 93-94)⁴⁵.

⁴² É, inclusive, possível problematizar essa questão: quais os critérios para determinar o caráter acidental de uma admissão? Além do mais, se Xenofonte é um narrador não confiável, que afirma estar presente em fatos onde não estava, por que aceitar qualquer admissão dele?

⁴³ Diferentemente de Taylor e Burnet, Vlastos considera que apenas os primeiros diálogos nos fornecem informações sobre o pensamento do Sócrates histórico. A partir dos diálogos intermediários, o que é colocado na boca de Sócrates são ideias originais de Platão.

⁴⁴ O Sócrates de Xenofonte nunca conseguiria atrair homens como Crítias e Alcebiades, mas, o de Platão, sim (cf. VLASTOS, 1995, p. 5).

⁴⁵ Importante frisar que Dorion critica o próprio sentido do “Problema Socrático”. Tendo em vista que os *logoi sokratikoi* divergem entre si e nunca tiveram a finalidade de serem retratos fieis da pessoa de Sócrates, deve-se adotar um método comparativo, no qual se analisa cada escritor dos *logoi* de modo independente. Esse método, como se vê, abandona a pretensão de conhecer o “Sócrates Histórico”. Contudo, tendo em vista os fatos e o histórico do Problema Socrático, este é, para Dorion, o melhor caminho para os estudos socráticos: abandonando a pretensão de conhecer o Sócrates Histórico, poderemos ter uma melhor maneira de entendermos o complexo fenômeno do “socratismo” (Cf. DORION, 2011, pp. 1-21; especialmente pp. 18-21). Sobre essa exegese comparativa, cf.



A postura da Escola Escocesa frente Aristófanos, por sua vez, teve recepção mais favorável. Desse modo, Giovanni Reale afirma que Aristófanos revelaria diversos elementos históricos que contribuiriam imensamente para o entendimento de Sócrates (cf. REALE, 2013, p. 95). Até mesmo David Ross, forte crítico da maneira com que Taylor e Burnet trataram Aristóteles, aceita, com base em Aristófanos, que Sócrates, em algum momento, se interessou pela filosofia naturalista (cf. VLASTOS, 1988, p. 90). Há, porém, autores que rejeitam a reabilitação de Aristófanos promovida pela Escola Escocesa. Assim, Gregory Vlastos rejeita o testemunho de Aristófanos (cf. VLASTOS, 1988, pp. 89-90), já que sua comédia nos ensina pouco sobre Sócrates⁴⁶.

Por fim, no que se refere ao testemunho platônico, a posição de Taylor e Burnet é unanimemente rejeitada. Como dissemos, na Academia Anglo-Saxã contemporânea, prevalece a posição desenvolvimentista, ou seja, a visão de que há um desenvolvimento substancial no pensamento platônico (ao menos entre os primeiros diálogos e os diálogos intermediários). Burnet e Taylor, porém, são considerados como não-desenvolvimentistas⁴⁷ e, por isso, um grande número de aurores recusam sua visão de Platão.

Mesmo dentre os não-desenvolvimentistas, a visão de Taylor e Burnet é rejeitada. Afinal, a grande maioria deles⁴⁸, apesar de concordar com Taylor e Burnet, no que tange à negação de um desenvolvimento substancial do pensamento platônico, defende que as doutrinas presentes nos diálogos são originais de Platão e não as doutrinas de Sócrates. Destaca-se, não obstante, a obra *Plato and the Art of Philosophical Writing* de Christopher Rowe. Nela, Rowe adota um não-desenvolvimentismo aliado à tese de que “Platão se manteve um socrático até o fim” (ROWE, 2007, p. viii), isto é, nos diálogos intermediários e tardios, ele mantém as

DORION, 2018, pp. 55-70. Cf., também, BOLZANI FILHO, 2014, pp. 11-31. Nesse artigo, Bolzani “pretende analisar o chamado ‘problema de Sócrates’ e procura defender, com base nas dificuldades a ele associadas, que os textos escritos sobre o filósofo – os *lógoi sokratikoi* – não devem ser lidos como fontes históricas fidedignas” (2014, p. 30).

⁴⁶ Sua obra, na verdade, nos ensina como o público, fomentado por Aristófanos, via Sócrates (cf. VLASTOS, 1988, p. 90).

⁴⁷ O “não-desenvolvimentismo” é também chamado de “unitarismo”. Preferimos o primeiro termo, pois, embora o termo “unitarismo” seja mais utilizado, ele parece implicar que os defensores dessa posição consideram o platonismo como algo totalmente estático. Assim, é possível que Francesco Fronterotta afirme, por um lado, que há mudanças no pensamento platônico e, portanto, compreenda que algum tipo de desenvolvimento deve ser admitido e, por outro lado, seja um não-desenvolvimentista, por considerar que tal desenvolvimento não tenha sido substancial (cf. FRONTEROTTA, 2007, p. 38). Contudo, a aplicação do termo “unitarista”, para um autor que reconhece mudanças no pensamento platônico, é problemática. Taylor e Burnet não são, em sentido estrito, “unitários”. Apesar de entenderem que o pensamento platônico (socrático) é o mesmo nos primeiros diálogos e nos diálogos intermediários, eles consideram que, nos diálogos tardios, Platão se afasta de certas posições socráticas – e isso explica o fato de Sócrates não ser mais a principal personagem nestes diálogos (cf. TAYLOR, 1951, pp. 27-28).

⁴⁸ Cf., por exemplo, as obras de Harold Cherniss, Francesco Fronterotta e Lloyd P. Gerson.



posições dos primeiros diálogos. Isso significa que as diferenças entre certos diálogos (como o monólogo no *Timeu* em oposição ao caráter completamente dialógico nos primeiros diálogos) representariam “mudanças de estratégia, não mudança de opinião” (ROWE, 2007, p. 13).

Desse modo, Rowe, mesmo sem considerar as posições da Escola Escocesa em seu livro, aproxima-se desse posicionamento. Deve-se, porém, ressaltar que, apesar de identificar o pensamento dos diálogos com o de Sócrates, Rowe não defende que Platão é um historiador fiel da vida socrática. Além disso, certas doutrinas que Taylor e Burnet atribuem a Platão (e, conseqüentemente, a Sócrates) são negadas por Rowe⁴⁹.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do Problema Socrático, Taylor e Burnet nos oferecem sua resposta: para conhecermos o Sócrates histórico, precisamos ir a Platão. Para chegarem a essa posição, os professores da Escola Escocesa analisaram os testemunhos mais relevantes de Xenofonte, Aristóteles, Aristófanes e Platão.

Na apreciação do testemunho de Xenofonte, Taylor e Burnet são bastante críticos. O fato de o mesmo não ser filósofo coloca em xeque sua capacidade de compreender – e retratar – a genialidade de Sócrates. Além disso, não há nenhuma razão para considerar que ele tenha feito parte do mesmo círculo íntimo de seguidores do mestre como o fez Platão. Por fim, certos problemas de veracidade em seus escritos e o caráter apologético dos mesmos praticamente impossibilitam a busca de qualquer informação sobre o Sócrates histórico em suas obras. Todavia, não há uma rejeição completa de Xenofonte, já que Taylor deixa claro que as “admissões acidentais” feitas pelo autor podem ser úteis em certos casos – como, por exemplo, para comprovar o que é dito por outro autor.

O testemunho de Aristóteles, por sua vez, é rejeitado completamente. Taylor e Burnet defendem que tudo que o estagirita sabia sobre Sócrates provém das mesmas fontes que temos e que toda afirmação relevante que ele faz sobre Sócrates pode ser encontrada nos diálogos platônicos. Assim, o testemunho de Aristóteles é inútil para tentarmos reconstruir o Sócrates histórico. Ele é, contudo, útil para uma questão: como Aristóteles está sempre pronto a criticar Platão, se ele pudesse contrastar o Sócrates histórico com o Sócrates dos diálogos, ele o teria

⁴⁹ Por exemplo, Rowe tem uma visão da Teoria das Ideias bastante distinta da de Taylor e Burnet (cf. ROWE, 2007, pp. 200-254). Para uma apreciação crítica da visão de Rowe por um não-desenvolvimentista, cf. GERSON, 2013, pp. 68-72.



feito. Já que não o fez, podemos concluir que ele considerava o Sócrates dos diálogos como o Sócrates histórico – isto é, considerava os diálogos como retratos fiéis da personalidade histórica.

O testemunho de Aristófanes, que há muito vinha sendo rejeitado, é, por sua vez, reabilitado. Taylor e Burnet apontam que é errado esperar que o retrato do Sócrates de Aristófanes seja semelhante ao que Platão apresenta, afinal o poeta cômico representa Sócrates em sua juventude e Platão, em sua velhice. Além disso, uma caricatura distorcida, para efeitos cômicos, só será engraçada caso haja alguma semelhança com o original; por isso, é possível conhecer certas características do Sócrates histórico, em sua juventude, por meio da leitura de *As Nuvens*. Assim, com base em informações presentes em *As Nuvens* e confirmadas por alguns diálogos platônicos (destaque para o *Fédon*), os professores da Escola Escocesa apresentam um novo retrato da juventude de Sócrates, no qual ele apareceria como líder de uma escola e um filósofo naturalista.

Platão, por seu turno, é aceito como a principal fonte, por distintos motivos. Os mais relevantes se devem: (a) ao fato de que é impensável que ele apresentasse, na boca de Sócrates, ideias que não fossem atribuídas ao mestre, mas que seriam ideias originais suas; (b) ao fato de o Sócrates platônico não ser um simples personagem idealizado, mas ter todas as características de um homem vivente. Assim, ao ter Platão como fonte, Taylor e Burnet propõem uma nova forma de ver o pensamento socrático, na qual se destaca a atribuição da Teoria das Ideias a Sócrates e não a seu discípulo.

A posição da Escola Escocesa, contudo, foi unanimemente rejeitada por diferentes motivos. Destaca-se, aqui, a problemática rejeição do testemunho aristotélico – que ignora o fato de que Aristóteles pode ter adquirido informações acerca da pessoa de Sócrates por fontes que não temos acesso⁵⁰ - e a confiança excessiva no testemunho de Platão – que, por exemplo, ignora o caráter literário dos *lógoi sokratikói*.

Entretanto, não se pode dizer que tudo que Taylor e Burnet disseram foi rejeitado. Destaca-se, aqui, a tese de que Sócrates operou uma verdadeira revolução no conceito de *psyché* – criando o conceito ocidental de alma. Esta posição, sustentada, inclusive, por autores que rejeitam sua visão acerca do valor do testemunho de Platão, foi um acréscimo inestimável aos estudos socráticos e à compreensão do Problema Socrático. Assim, podemos concluir que, de fato, a Escola Escocesa cometeu erros ao responder à pergunta “Quem foi Sócrates?”, todavia,

⁵⁰ Por exemplo, companheiros de Sócrates que nada escreveram (ou cujas obras não chegaram a nós) e, até mesmo, o próprio Platão, que pode ter fornecido, oralmente, informações adicionais a Aristóteles, além das que nos chegaram pelos diálogos.



foram Taylor e Burnet que constataram ter sido Sócrates o primeiro a dar à palavra “alma” a noção que, ainda hoje, adotamos.



REFERÊNCIAS

- ARISTOPHANES. *Clouds*. Tradução: Alan H. Sommerstein. Warminster: Aris & Phillips LTD, 1982.
- ARISTÓTELES. *Metafísica: Ensaio Introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale*. Tradução: Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002. v. 2.
- ARISTOTLE. *Physics*. Tradução: C. D. C. Reeve. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2018.
- BOLZANI FILHO, R. Imagens de Sócrates. *Kléos*, Rio de Janeiro, n. 18, 2014, pp. 11-31.
- BRICKHOUSE, T. C.; SMITH, N. D. *Socratic Moral Psychology*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- BURNET, John. Introduction. In: PLATO. *Plato's Phaedo*. BURNET, J (Ed.). 1. ed., Oxford: Clarendon Press, 1911, pp. ix-lvi.
- BURNET, John. *Socratic Doctrine of the Soul*. London: Oxford University Press, 1916.
- BURNET, John. *Greek Philosophy: Thales to Plato (Part One)*. London: Macmillan and Co., Limited, 1920.
- CHERNISS, H. *Aristotle's Criticism of Presocratic Philosophy*. Baltimore: The John Hopkins Press, 1935.
- CHERNISS, H. *The Riddle of the Early Academy*. New York: Russell & Russell, 1962.
- COPLESTON, Frederick. *Historia de La Filosofia: Grecia y Roma*. Tradução: Juan Manuel García de la Mora. 4. ed., Barcelona: Editorial Ariel, 1994. v. 1.
- CORNELLI, G.; COELHO, M. C. de. M. N. "Quem não é Geômetra não entre!" Geometria, Filosofia e Platonismo. *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 116, 2007, pp. 417-435, dez/2007.
- DE VOGEL, Cornelia. The Present state of the Socratic Problem. *Phronesis*, v. 1, n. 1, pp. 26-35, 1955.
- DORION, L. A. Xenophon's Socrates. In: AHBEL-RAPPE, S.; KAMTEKAR, R. (Ed). *A Companion to Socrates*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006, pp. 93-109.
- DORION, Louis-André. The Rise and Fall of the Socratic Problem. In: MORRISON, D. R. *The Cambridge Companion to Socrates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, pp. 1-23.
- DORION, L. A. Comparative Exegesis and the Socratic Problem. In: DANZIG, G; JOHNSON, D.; MORRISON, D. (Ed). *Plato and Xenophon: Comparative Studies*. Boston: Brill, 2018, pp. 55-70.
- FIELD, G. C. *Socrates and Plato: A Criticism of Professor A. E. Taylor's 'Varia Socratica'*. Oxford: Parker & Co, 1913.
- FRONTEROTTA, F. The Development of Plato's Theory of Ideas and the 'Socratic Question' In: SEDLEY, D. (ed.) *Oxford Studies in Ancient Philosophy*. New York: Oxford University Press, summer 2007, vol. XXXII, pp. 37-62.
- GERSON, L. P. *From Plato to Platonism*. New York: Cornell University Press, 2013.
- GULLEY, N. *The Philosophy of Socrates*. London: Macmillan and Co Ltd, 1968.
- JAEGER, Werner. *Paideia: A Formação do Homem Grego*. Tradução: Artur M. Parreira. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- KAHN, C. H. *Plato and the Socratic Dialogue: The Philosophical Use of a Literary Form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- LIMA VAZ, H. C. de. *Platonica*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- MORRISON, D. On Professor Vlastos' Xenophon. *Ancient Philosophy*, v. 7, pp. 9-22, 1987.
- MORRISON, D. Xenophon's Socrates on the Just and the Lawful. *Ancient Philosophy*, v. 15, pp. 329-347, 1995.
- NAILES, D. Problems with Vlastos' Platonic Developmentalism. *Ancient Philosophy*, v. 13, n. 2, pp. 273-291, 1993.
- PERINE, Marcelo. A Herança Socrática no Conceito Cristão de Alma. *Hypnos*, ano 9, nº 13, São Paulo, pp. 53-68, 2ª sem. 2004.
- PERINE, M. A Recepção da Escola de Tübingen-Milão no Brasil. In: PERINE, M. *Platão não estava Doente*. São Paulo: Edições Loyola, 2014, pp. 233-244.
- PLATÃO. *Diálogos (Volumes III-IV): Protágoras, Górgias, O Banquete e Fedão*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 1980.



- PLATO. *Complete Works*. COOPER, J.M (Ed.). Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 1997.
- REALE, Giovanni. *Corpo, Alma e Saúde: O Conceito de Homem de Homero a Platão*. Tradução: Marcelo Perine. São Paulo: Paulus, 2002.
- REALE, G. *Para Uma Nova Interpretação de Platão*. Tradução: Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- REALE, G. *História da Filosofia Grega e Romana: Pré-Socráticos e Orfismo*. Tradução: Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. v. 1.
- REALE, G. *História da Filosofia Grega e Romana: Sofistas, Sócrates e Socráticos Menores*. Tradução: Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. v. 2.
- ROSS, W. D. Introduction In: ARISTOTLE. *Aristotle's Metaphysics*. ROSS, W. D. (Ed.). Oxford: The Clarendon Press, 1924, v. 1, pp. xiii-clxvi.
- ROSS, D. *Plato's Theory of Ideas*. Oxford: Clarendon Press, 1951.
- ROWE, C. *Plato and the Art of Philosophical Writing*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- SCHLEIERMACHER. On the Worth of Socrates as a Philosopher. In: PLATO. *The Apology of Socrates, The Crito and Part of the Phaedo*. 2. ed. rev. London: Taylor Walton and Maberly, 1852.
- SMITH, N. D. Aristotle on Socrates. In: STAVRU, A.; MOORE, C. (Ed.) *Socrates and the Socratic Dialogue*. Leiden/Boston: Brill, 2018, pp. 601-622.
- TAYLOR, Alfred Edward. *Plato*. London: Archibald Constable & Co Ltd, 1908.
- TAYLOR, Alfred Edward. *Varia Socratica*. Oxford: James Parker & Co., 1911.
- TAYLOR, Alfred Edward. *Plato's Biography of Socrates*. London: Oxford University Press, 1917.
- TAYLOR, Alfred Edward. *Plato: The Man and His Work*. 6. ed. London: Methuen & Co. Ltd, 1949.
- TAYLOR, Alfred Edward. *Socrates*. Boston: The Beacon Press, 1951.
- VLASTOS, Gregory. Socrates. In: *Proceedings of the British Academy LXXIV*, 1988, pp. 89-111. Disponível em: <<http://publications.thebritishacademy.ac.uk/pubs/proc/files/74p089.pdf>>. Acesso: 12/03/2021.
- VLASTOS, Gregory. *Socrates: Ironist and Moral Philosopher*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- VLASTOS, G. The Paradox of Socrates. In: VLASTOS, G. *Studies in Greek Philosophy (Volume II): Socrates, Plato, and their Tradition*. Princeton: Princeton University Press, 1995, pp. 3-18.
- XENOFONTE. *Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução: Ana Elias Pinheiro. 1. ed. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.
- XENOFONTE. *Memoráveis*. Tradução: Ana Elias Pinheiro. 1. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- XENOPHON. *The Shorter Socratic Writings: "Apology of Socrates to the Jury," "Oeconomicus," and "Symposium"*. BARLETT, R. C. (Ed.). Ithaca: Cornell University Press, 1996.
- ZELLER, Edward. *Socrates and The Socratic School*. Tradução: Oswald H. Reichel. 2. ed. London: Longmans, Green, and Co., 1877.
- ZELLER, E. *Outlines of the History Greek Philosophy*. Tradução: Sarah Frances Alleyne e Evelyn Abbott. New York: Henry Holt and Company, 1890.

